



2

SUPLEMENTO
BIOLOGIA

associação dos estudantes da faculdade de ciências de lisboa

DÉZ 73

5.ª feira -- UM DIA IMPORTANTE EM CIÊNCIAS

Perante a invasão e o saque da nossa sala, perante as suspensões, a 1ª parte da nossa resposta às autoridades neste dia, foi, de facto, bem clara.

- 1.º A decisão de recusar as aulas na sala-A foi cumprida integralmente. Mais uma vez as 2 turmas de Farmácia se recusaram firmemente a participar no jogo do Conselho Escolar.
- 2.º A nossa actuação colectiva e unida durante o dia deixou bem explícita
 - que não são as suspensões ou as invasões policiais que nos amordaçam ou anulam ou nosso movimento,
 - que quando cobardemente atacam alguns dos nossos colegas - os que mais se têm mostrado intransigentes na defesa dos nossos interesses - e os pretendem responsabilizar pelas posições que todos assumimos, nós não deixamos que isso passe impunemente - a nossa recusa quase total às aulas durante todo o dia foi disso um vigoroso exemplo.
- 3.º A forma por que nos exprimimos, como lutámos, não permitiu o isolamento de ninguém.

Foi em coro que exigimos aos vários elementos do C.E., os professores catedráticos Sacarrão, Barahona e Jacobson e ao Director Dias Agudo, a resposta das perguntas que fazíamos:

- porquê as suspensões dos nossos colegas ?
- porquê a policia à porta ?
- porquê a ordem de manter aulas na sala-A ?

Fomos dezenas psque, entrando nas aulas onde ainda não tinha chegado a informação das 9 suspensões, prestámos essa mesma informação, espalhando-nos pela sala e esclarecendo individualmente os nossos colegas sobre o que se passava.

As formas de actuação que escolhemos mostram simultaneamente o carácter conjunto da nossa posição e evitou a identificação face às autoridades de alguns que, de outra forma, se evidenciariam ao expressarem a posição de todos nós. Não puderam estas, como talvez desejassem, apontar para novos "expiadores".

COMO RESPONDERAM AS AUTORIDADES

Pelo silêncio uns, pelas trancas na porta outras, e finalmente por queixa lamentosa e pela invocação descarada da sua própria senilidade.

Pelas 10 horas, cerca de 1 centena de estudantes dirigiu-se à aula em que leccionava o prof Sacarrão e juntos com os alunos ali presentes lhe expuseram as perguntas que vimos atrás.

(Ent. pag. 4)

REUNIÃO DE CURSO

às 14,30

RECUSEMO NOS A TER AULAS NA SALA A

MAS... NÃO DESCUREMOS O TRATAMENTO DAS QUESTÕES QUE AÍ SE LEVANTAM

Como já foi visto, os estudantes não podem ceder às autoridades escolares, leia-se CE, e à sua determinação em acabar com a nossa sala A. Recusamo-nos por isso a ter aulas nessa sala. Esta posição, tomada já por todos os cursos da Faculdade, levanta no entanto dúvidas na mente dos estudantes, principalmente na daqueles que da sua recente entrada nas lides académicas, não conhecem ainda as manhas das autoridades.

O mais premente destes problemas é, sem dúvida, o problema da afixação da matéria com a qual o CE pretende apenas assustar-nos e fazer assim nascer no nosso meio, o desentendimento.

O curso de Biologia, como sendo também afectado pelo problema, tem de tomar uma posição firme que vai nascer de uma discussão em Reunião de Curso.

Para essa discussão propomos as seguintes opções:

- ou termos aulas numa das salas livres do Pavilhão (p. ex a D) no horário previsto e recusarmo-nos a tê-las noutra altura;
- ou garantirmos junto do assistente, elementos de estudo, como sejam folhas ou aulas de dúvidas, nas quais ele explique a matéria afixada.

Serão estas hipóteses, ou outras ainda, que se poderão apresentar amanhã e discutir detalhada e cuidadosamente.

Uma coisa é certa: teremos de garantir que as autoridades não consigam levar a sua à-vante. Continuaremos a recusar as aulas na sala-A !

"NEUTRALIDADE"

e

"JUSTICA"

da legalidade

que nos querem impôr

- A LEGISLAÇÃO MILITAR ANTI-ESTUDANTIL

Como toda a gente sabe, dos 31 colegas nossos identificados na passada 6^a feira na sala-A, foram já suspensos 9.

No Técnico, foram recusadas as matriculas a 70 estudantes.

Para melhor umpôr as suas medidas repressivas sobre os estudantes, as autoridades académicas fazem-no, socorrendo-se de leis "elas próprias"cozinham", e que surgem nas alturas de maior luta estudantil.

Pretendem fazer-nos crer que " A lei é a lei". Que uma vez ela imanada, é imbatível. Uma espécie de tabu perante o qual todos nos deveríamos curvar, respeitando-a e, fundamentalmente, aceitando-a.

Assim, tentam pintá-la com cores de justiça supraterrena, independente da situação de desigualdade entre as pessoas, não defendendo objectivamente nada nem ninguém.

Que isto é falso , prova-o, entre outras coisas, a própria experiência dos estudantes.

Assim, quando há uma dezena de anos foi emanado um decreto-lei (40900) pretendendo substituir as actividades associativas pelas circum-escolares da M.P. (orga -

ganismo fascista), os estudantes tomaram posição de força, em massa opuseram-se à aplicação desse decreto. E o Governo recuou, tendo ficado letra-morta a lei que fizera sair.

Exemplo mais recente é o decreto sobre os vigilantes. Há muito sabemos e existirem bufos e pides infiltrados na Universidade, Mas este decreto pretendia institucionalizar a sua existência, dar-lhes uma certa "aparência". Que fizeram os estudantes? Correram-nos a pontapé de quase todas as escolas reduziram a zero o texto pomposo ditado pelos Ministérios do Interior e da Educação.

A lei não é portanto inelutável!

Será que é neutra?

Cabe referir mais exemplos:

Em Coimbra, há já alguns anos, desenvolveram os estudantes amplas movimentações depois de investidas a tiro e de cargas policiais. Imediatamente surge uma lei conferindo plenos poderes aos directores das Faculdades para a pretexto de "mau comportamento escolar" afastarem sem apelo nem agravo 50 dos colegas de Coimbra incorporando-os forçadamente no Exército Colonial.

Mais flagrante ainda foi o caso do Técnico, há alguns dias apenas.

Um decreto feito sair há uma semana foi aplicado para expulsar do Instituto 70 dos estudantes do I.S.T.

Como podemos nós aceitar a neutralidade da lei?

Onde poderá estar o seu carácter universal e supraterrreno?

Aprofundar este assunto, divulgar em pormenor estes e outros casos flagrantes é contribuir para um maior esclarecimento sobre a verdadeira função da legislação, é estudar através da experiência do nosso Movimento, a forma mais correcta de combater esta arma governamental.

Arranquemos pois com este estudo, preparemos a discussão no nosso curso em torno dele, coligindo e editando estes e outros mais exemplos.

A SALOMÉ E AS FOLHAS DE CITOLOGIA

Do contacto que temos tido com esta professora que já notamos que não está disposta a facilitar-nos a vida, tanto no modo como dá as aulas - "como vocês sabem" - como na proposta de estes facultativos com a "impressão" da prática, assim como nas folhas.

Vejamos o que se passou com estas de há dois anos para cá.

Nessa altura os alunos pediram-lhe apontamentos para serem feitos através da Associação, ao que esta professora respondeu: - "A AE está fechada, não se pode fazer" - Quando esclareceram que não era assim, esta senhora tentou fugir ao problema alegando não ter tempo para as fazer.

O ano passou, encheu-se de sorrisos quando lhe lembraram o problema e propôs-se a resolvê-lo. E como o fez?

Arranjando tempo para fazer as folhas, mas entregando-as aos SS, e fez sair apenas três fascículos nas vésperas de exame. Parece que o problema nunca foi a falta de tempo!

Tudo isto são passos necessários para compreendermos bem quem é esta nossa prof, com quem teremos de contar daqui para o futuro.

Reforça-nos também a necessidade de sermos nós e não os famigerados SS a editar e a vender as folhas desta cadeira.

LANCEMO-NOS AO TRABALHO!

- Divulguemos os antecedentes desta professora cá na Faculdade,
- Editemos de facto a sebenta, distribuamos trabalho entre nós de forma a garantir a saída das folhas antes mesmo do período terminar.



TORRE
TOMBO

Este prof, embora elemento do Conselho Escolar, negou peremptoriamente qual quer conhecimento do que se tinha passado na véspera.

Foi depois a vez da Dra Barahona - Já não eram 100, mas cerca de 200 os que se lhe dirigiam. Em resposta a elas o silêncio cobarde e absoluto.

Quanto ao director, Dias Agudo, perante os estudantes concentrados pelas 14 horas na sala onde deveria dar a aula, fugiu apressado em direcção à secção de matemática onde se trancou, recusando-se a dizer palavra que fosse aos estudantes que em uníssono o interrogavam.

O prof Jacobson, ultimo dos inquiridos, actuou de modo algo diferente - que riam saber porque tinha o C.E. tomado aquelas atitudes perfeitamente arbitrarias? "Pois não vêm a minha idade?" - foi a resposta.

Um C.E. desconhecedor, mudo, amedrontado ou senil é a conclusão que podemos tirar. Mas um C.E. que apesar destas suas características se assemelha aos seus mais jovens congêneres de Técnico, Direito, etc etc,.

O problema não é de idade, não, prof Jacobson! A questão está em que, quando se tomam atitudes face aos estudantes claramente injustas, quando é necessária a força mercenária dos policiaes, as ameaças, a utilização de "bodes expiatórios" não se podem defender bem alto as razões que as determinaram. Não! Há que procurar esconder, calar, "enternecer" com a canção do bandido (o bandido "velhinho") os ânimos, a justa indignação de quem não admite a injustiça e as arbitrariedades.

E isso é igual em Ciências como no Técnico e em todas as outras escolas em que a militarização é a palavra de ordem das autoridades!

O "DIALOGO" CHEGOU DEPOIS

Eram cerca de 15 horas quando chegaram aos portões da Faculdade 3 carrinhas de choque. Nessa altura, porém, já os estudantes tinham dispersado "fintando" esta outra "conversa".

As palavras que o Dias Agudo tinha recusado aos estudantes, foi dá-las aos policiaes de choque que apressadamente recebeu aos portões da Faculdade.

COMO PROSSEGUIR A NOSSA RESPOSTA?

COMO CONTINUAR A LUTA?

Esta terá que ser a 2ª parte da nossa resposta

As autoridades pretendem com toda a série de medidas que tomaram, anular o nosso movimento. É essa a sua ultima intenção.

É tendo-a em conta que definiremos a linha geral da nossa actuação.

O NOSSO MOVIMENTO TEM DE SAIR REFORÇADO!

- Roubando-nos a sala querem negar-nos uma base de apoio para o trabalho, um ponto importante de quebra do isolamento dos estudantes. Lutaremos contra isso continuando a recusar as aulas na nossa sala, tratando das questões levantadas por essa atitude (como a das aulas que não se realizam "por ordem do director").

- marcando em diversas acções massivas dentro da sala-A a posição de que ela é nossa e de que não será utilizada pelos caprichos do C.E. ou quaisquer outras autoridades.

- Suspendemos colegas pretendendo amedrontar-nos e retirar do nosso convívio pessoas firmes na defesa dos nossos interesses.

Os 9 colegas suspensos evidenciaram-se fundamentalmente no ano passado. Não permitiremos a partir de agora (ontem foi já um primeiro passo) que mais casos destes se repitam. É em massa que defenderemos posições é num numero cada vez maior que participaremos nas acções que acharmos por bem desenvolver, que mostraremos bem às autoridades que expulsar este ou aquele não abala os alicerces do nosso Movimento. Ele prosseguirá, porque é justo!

Reforcemos, pois, todo trabalho que vinhamos desenvolvendo com mais entusiasmo, esforcemo-nos por o levar à frente.

A concretização de tudo o que se expôs terá de começar nas reuniões de curso a efectuar hoje.

Para a frente e
ao trabalho!